

FERRAMENTARIA



Diego Mauro*

Morar na Carlos Gomes

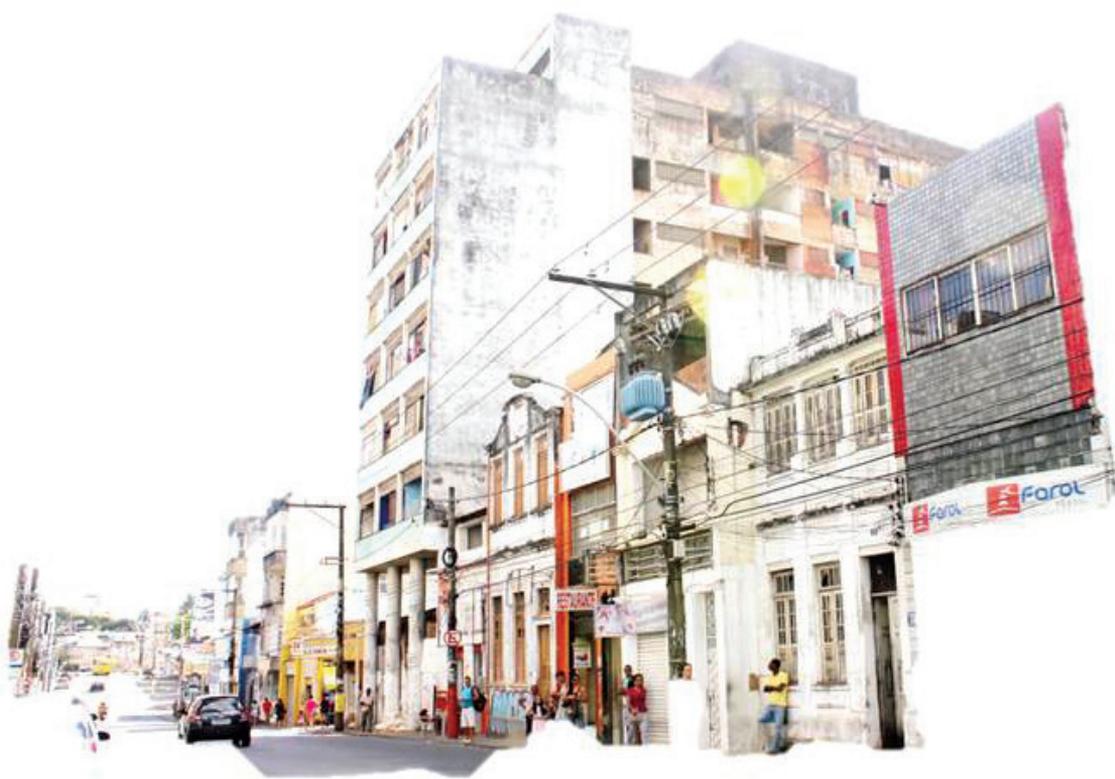
Possibilidades e limites para
a habitação de interesse
social no Centro¹

Este texto foi fruto de um Trabalho Final de Graduação (TFG) defendido no final de 2011 na Faculdade de Arquitetura da UFBA, com o objetivo de investigar as diversas formas de habitar que o centro da cidade de Salvador acolhe e oferece. A escolha do recorte da Carlos Gomes e seu entorno se deu por dois motivos que serão apresentados a seguir.

Primeiramente, a escolha está relacionada a coexistência de diversas formas de habitar, numa relação extremamente embrincada e em permanente tensão, que encontra rebatimentos no espaço público. Estão presentes a classe média, por meio de proprietários e inquilinos; os ocupantes de edifícios ociosos, em parte associados a algum movimento social de luta pela moradia; a população em situação de rua e mesmo as pessoas que dormem de sublocação ou nas ruas durante a semana, para só então voltarem para suas casas nos finais de semana.

O outro motivo é a vitalidade do comércio popular presente na região do Largo Dois de Julho, na Rua Carlos Gomes e, sobretudo, na Av. Sete de Setembro – no trecho compreendido entre a Praça Castro Alves e o Campo Grande. Esse intenso fluxo de pessoas e trocas – da odem dos afetos às mercadorias – oferecem a possibilidade de

* arquiteto-urbanista, graduado Faculdade de Arquitetura UFBA



Ed. Lord Cochrane

146

emprego e de locais de compra para grande parte da população de baixa renda que mora nessa região. Esse é o caso da ocupação do Edifício Lord, que é um dos objetos deste trabalho. Some-se a isso o fato do Centro ser extremamente bemdotado de infraestrutura e de diversos equipamentos públicos. Portanto, aí se constitui um contexto urbano altamente favorável à habitação, sobretudo à habitação popular.

Mesmo que existam essas variadas formas de morar no Centro, essa região ainda apresenta o seu dinamismo eminentemente relacionado ao comércio e serviços, o que causa um descompasso entre a vitalidade ao longo do dia e a sensação de abandono quando chega a noite. O resultado da “morte” do Centro nesses horários é a sensação

de insegurança, que apareceu na maior parte das conversas com moradores do local. Uma possibilidade de solução para essa diferença tão expressiva entre dia e noite é intensificar o uso habitacional de forma a balancear a proporção entre comércio, serviços e residências.

É importante lembrar que a unidade habitacional constitui apenas uma parte da questão da habitação. Na realidade, este trabalho vem justamente no sentido de reforçar a ideia do **habitar como um campo expandido da unidade habitacional, como uma teia de relações que se espalha e necessita da cidade.** Uma casa com boa infraestrutura mas desprovida de um contexto favorável é uma séria candidata a ser mais um problema que uma solução.



Ed. Lord Cochrane com a região dos Afritos ao fundo

LORD

O Ed. Lord Cochrane foi abandonado ainda na sua fase de construção – quando cerca de 80% da obra já estava finalizada – e permaneceu sem uso por cerca de 40 anos. Em 2007, ele foi ocupado por cerca de 97 famílias integrantes do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN). Por meio de uma ação de reintegração de posse movida por um dos herdeiros do imóvel, os ocupantes se viram obrigados a deixar a ocupação, e a grande maioria das famílias que ali vivia foi relocada para conjuntos do Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV) na periferia.

No início de 2011, as primeiras famílias estavam deixando o Lord para ir para o Recanto das Margaridas, um conjunto do MCMV nas proximidades do Aeroporto. Alguns meses depois,

outras famílias foram encaminhadas para os conjuntos Bromélias, relativamente próximos do conjunto anterior, porém em um contexto ainda menos consolidado, no que resulta ainda hoje em dificuldades para as famílias acessarem serviços públicos básicos, dentre outros muitos problemas.

Diante dessa desocupação tão acelerada, a possibilidade de iniciar um processo participativo com os moradores do Lord para elaborar um projeto no próprio edifício, estruturando os apartamentos de acordo com a necessidade de cada família, se tornou inviável. Mesmo assim, o fato do Lord estar sendo devolvido aos seus proprietários que nunca o utilizaram não parece ser uma resposta pertinente a tantos anos de luta dessas pessoas por uma moradia digna e bem-localizada no contexto urbano.



O jogo consistia em 24 cartas que iam sendo desviradas pelo interlocutor-jogador

Portanto, o Lord é pensado, neste trabalho, como edifício destinado à habitação de interesse social.

DESDOBRAMENTOS

Aqui serão apresentados dois dos quatro mapeamentos desenvolvidos a partir dos jogos-conversa feitos com moradores do Centro. O primeiro mapeamento é de Líria (inquilina do Largo Dois de Julho), e o segundo, de um grupo de moradores de rua que se encontrava nas imediações da Praça da Piedade. A primeira conversa foi mediada por perguntas pré-estabelecidas e um mapa do Centro. Entretanto, essa tática de interlocução logo foi modificada para o formato de um jogo simples, que consistia em cartas contendo elementos que se pretendia investigar com relação ao Centro e que iam sendo desviradas pelo interlocutor à medida que o jogo se desenrolava.

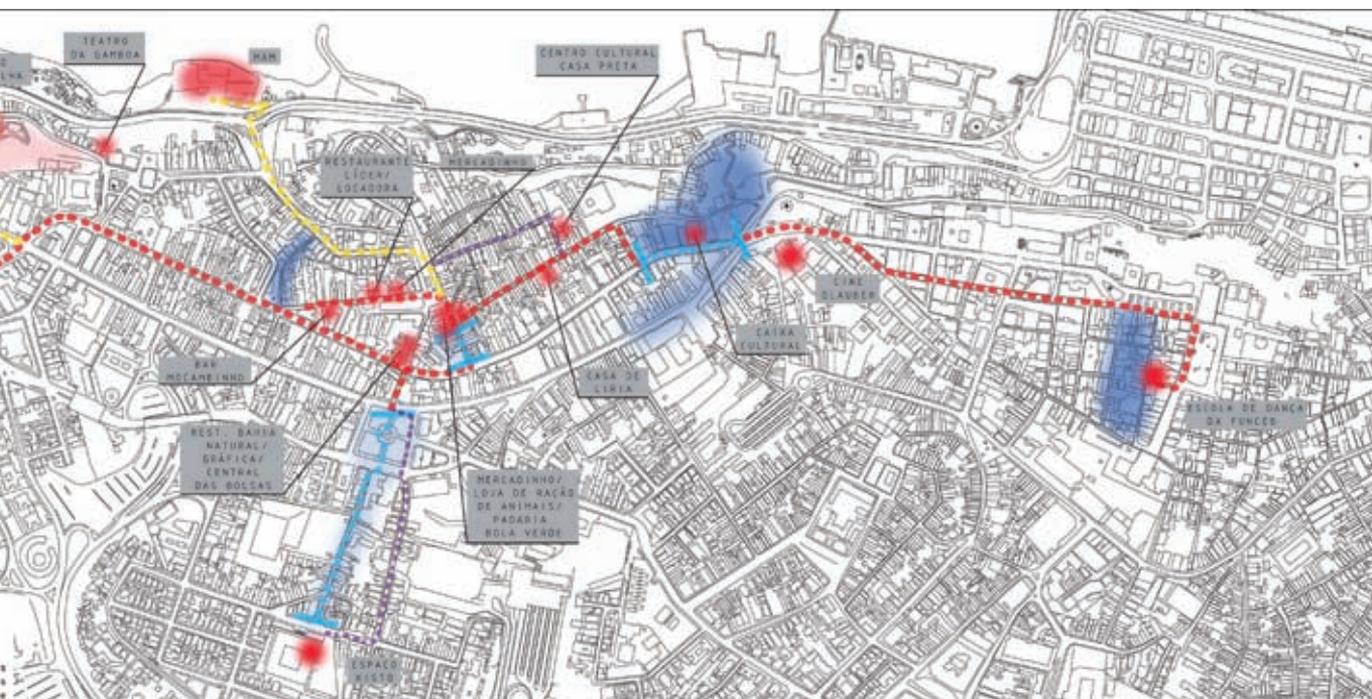
O objetivo destes mapeamentos era entender como se dava a relação dos jogadores com o Centro, isto é, o habitar expandido de cada um dos interlocutores, indicando os percursos e lugares mais comumente frequentados. Com isso, era possível ainda entender um pouco das tensões



Mapeamento de Líria



Mapeamento dos moradores de rua





presentes nesses espaços, através dos lugares ou percursos evitados em algum horário ou mesmo onde não se podia ir, em nenhum horário.

150

Na maior parte das conversas, a sensação de insegurança apareceu durante a noite, resultado do fechamento do comércio e esvaziamento das ruas. É interessante notar que os lugares mais evitados para a maioria dos interlocutores não correspondem às áreas que os moradores de rua não podem percorrer. Como exemplo, podemos citar a Rua do Sodré, que a partir do Convento de Santa Tereza se torna um ponto de venda e consumo de drogas, sobretudo do *crack*. Esse trecho é praticamente intransponível para a maioria dos interlocutores, enquanto que os moradores de rua fazem esse percurso para tomar banho na fonte da Preguiça, na

Av. Contorno. Na realidade, os moradores de rua são hostilizados, sobretudo pelos policiais, em lugares que são frequentados pelos outros interlocutores. O Campo Grande, por exemplo, que aparece como uma referência de lazer para a maioria das pessoas, é intransponível para os moradores de rua. Já a Praça da Piedade aparece como um verdadeiro campo de tensões: mesmo sendo vítimas de hostilidade pelos policiais, os moradores de rua não abrem mão dessa região, por ser um lugar importante para realizarem trabalhos rápidos, receberem trocados e mesmo alimento de grupos beneficentes. O Largo Dois de Julho foi um dos poucos lugares considerados seguros à noite por todos os interlocutores, devido à intensa vida noturna.



*Proposta para o Lord e edifício anexo,
Galeria interna do Lord e edifício anexo,
Terraço do edifício anexo interligado com o Lord,
respectivamente*

DIRETRIZES

As conversas e as minhas próprias percepções como usuário da Carlos Gomes e seu entorno foram o ponto de partida para estabelecer algumas diretrizes de acordo com esse habitar expandido. É preciso destacar que grande parte das questões indicadas pelos mapeamentos seria contemplada com o incremento de moradias no Centro, servindo para intensificar essa utilização da região durante as noites e domingos.

A proposta, dessa forma, é a **destinação pelo poder público dos seus imóveis e a aquisição de outros imóveis sem utilização para a habitação de interesse social integrada com usos compatíveis (uso misto)**. Assim, seria possível tratar a questão habitacional como um serviço social,² onde as

famílias residentes pagariam um aluguel social ao Estado. Essas medidas visam assegurar a permanência das classes mais pobres no Centro, visto que esses imóveis não poderão ser vendidos diante da sua valorização.

É fundamental **prever equipamentos específicos voltados aos grupos social e economicamente mais frágeis: a população em situação de rua, os ocupantes de edifícios abandonados e ainda os estudantes que necessitam de residências universitárias.**

Com relação ao caráter de “fundo” que a Carlos Gomes apresenta em relação à Av. Sete, a proposta é de utilizar uma faixa de veículos para alargar a calçada do lado do Dois de Julho e do Lord, lado de maior fluxo e onde se encontram os pontos de ônibus. Com isso, garante-se espaço para uma

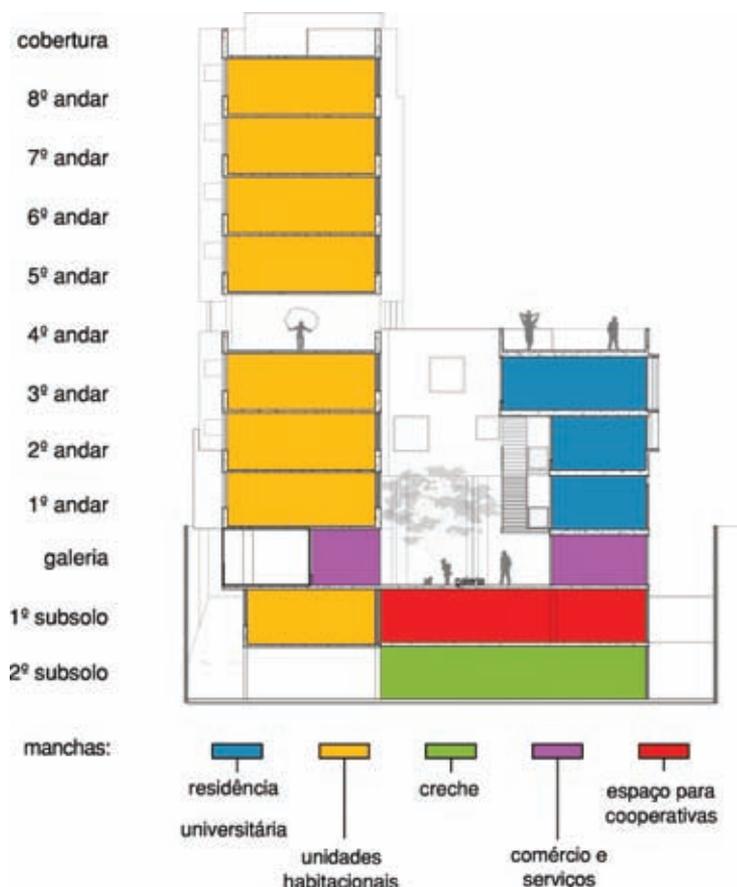
arborização adequada, com uma calçada confortável que ofereça maior possibilidade para qualquer tipo de apropriação por parte dos moradores, passantes e comerciantes.

Essas diretrizes se articulam diretamente com outras propostas levantadas por Jamile Lima³ para a região do Dois de Julho, Carlos Gomes e Av. Contorno. Estão previstos o incremento do uso habitacional na Ladeira do Sodré; a Construção de um CAPS-Rua na Carlos Gomes; um centro de reciclagem e uma faculdade de gestão ambiental no Dois de Julho; um parque-sucata; um mirante e bares no Dois de Julho e sua área de encosta; além da reconversão de um píer para banho na Praia da Preguiça. A seguir, serão apresentados projetos para

duas áreas da Carlos Gomes, no intuito de explorar algumas possibilidades de tratar a questão da habitação de interesse social no Centro.

LORD E ANEXO

O projeto para o Lord se desenvolve a partir da desapropriação de dois terrenos: um terreno vazio que serve de estacionamento e uma loja que fica entre o Lord e esse estacionamento (a loja foi construída sobre uma das rampas de veículos do prédio). A proposta mantém a mesma relação do Lord e dos edifícios vizinhos com a rua, isto é, de construções coladas umas às outras e sem recuo frontal. O edifício anexo atua, ainda, reforçando as características modernas do Lord, uma vez que este parece



Corte esquemático do Lord e do edifício anexo

deslocado diante desse trecho da rua constituído por uma tipologia de casas e pequenos prédios.

O Lord será recuperado para receber as famílias que o ocuparam e os apartamentos serão adaptados às especificidades de cada família. Na realidade, as possibilidades de configuração dos apartamentos são inúmeras, como os próprios ocupantes do Lord já mostraram, por meio das adaptações que eles mesmos fizeram para adequar o edifício às suas necessidades.

CASA DE ACOLHIMENTO

O segundo projeto é uma casa de acolhimento para a população em situação de rua, bem como uma série de equipamentos que dão suporte ao uso

habitacional no Centro. A proposta é a desapropriação de uma área nas proximidades do Largo dos Affitos, que atualmente funciona como posto de gasolina e que ocupa uma parte reduzida do lote.

A casa de acolhimento é dividida em duas partes. A primeira delas se localiza no 1º andar e é uma área mais restrita, destinada a quem deseja uma cama para passar a noite. A outra parte, mais pública, se desenvolve no térreo e são oferecidos serviços como guarda-volumes e uma lavanderia com um quintal onde se encontram varais e um canil.

No subsolo se encontra um estacionamento para carrinhos de camelôs, catadores de lixo e automóveis. O sanitário público, juntamente com o restaurante popular, no térreo, são dois



Vista da praça da casa de acolhimento

equipamentos fundamentais para toda a população do entorno.

Este conjunto de projetos busca suprir as necessidades básicas dos usuários e moradores da Carlos Gomes, dotando de um mínimo de qualidade de vida milhares de pessoas que habitam e circulam pelo Centro diariamente.

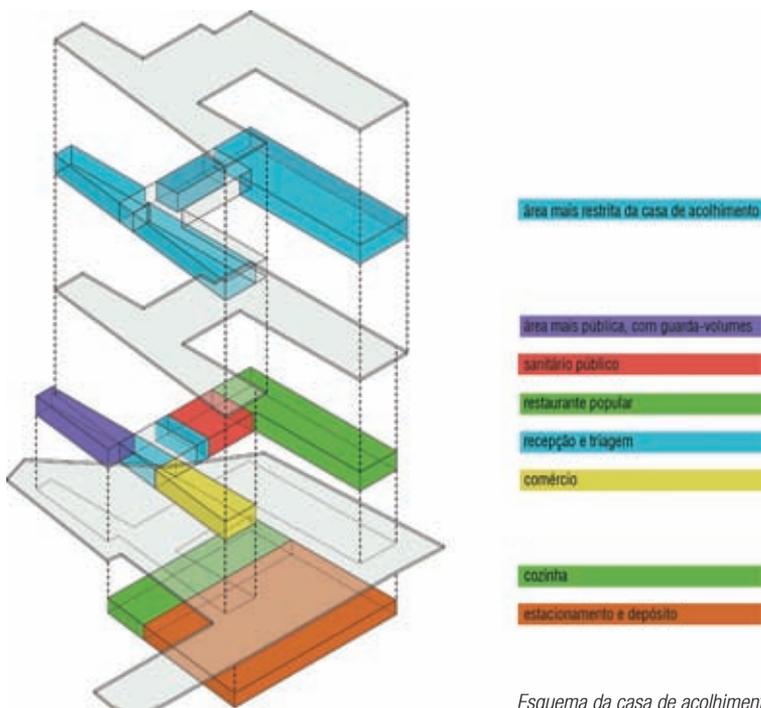
Notas

¹ Trabalho final de graduação defendido na Faculdade de Arquitetura da UFBA. Banca: Clara Passaro, Laila Mourad, Naia Alban e Paola Berenstein Jacques (orientadora).

² CERVELLATI, Pier Luigi; SCANNAVINI, Roberto. BOLONHA: Por que o centro histórico? In: FORTI, Reginaldo (Org.). *Marxismo e urbanismo capitalista*. São Paulo: Lech, 1979.

³ Ver o TFG de Jamile Lima *Os usuários do Dois de Julho: encarando o uso de crack no espaço urbano*, defendido também em 2011. N.E. artigo publicado neste mesmo número 10 da revista ReDobRa.

*Vista interna da casa de acolhimento.
Acesso para a área mais restrita*



Esquema da casa de acolhimento



Vista do quintal da casa de acolhimento